AS LINGUAGENS E O HIPERTEXTO:
Uma introdução às possibilidades discursivas na forma hipertextual

SILVANA DRUMOND MONTEIRO
Professora Assistente do Departamento de Ciências da Informação da Universidade Estadual de Londrina
Mestre em Biblioteconomia pela PUCCAMP
Doutoranda em Comunicação e Semiótica pela PUCSP.

E-mail: drumond@onda.com.br

RESUMO: Estudo da forma hipertextual como espaço de representação, sendo especificamente, o objeto de estudo, a dimensão textual do **hipertexto**. Considera-se a relação entre o meio e a linguagem única, uma vez que a tecnologia (meio), em seu espaço real/virtual de inscrição, faz a ocorrência da possibilidade de hibridização e organização das linguagens possibilitando assim, um espaço específico de representação. A **linguagem** verbal foi perscrutada de acordo com os **tipos discursivos** e com a **Semiótica peirceana**, porque ambos são capazes de avaliar o poder de representação das linguagens e sobretudo os primeiros podem ser definidos como o princípio de seqüência, o todo organizado. Propôs-se compreender como tais discursos, que têm o princípio de seqüência, e foram estabilizados sobre um estrutura linear e fixa no meio impresso, se organizam em uma estrutura não-linear e interativa no meio digital. Enquanto o homem não aprimora a nova forma (*site*) a tendência é transpor tudo o que havia sido criado antes para o espaço digital. As linguagens híbridas e cinéticas pré-computadores fazem uma transposição suave dos antigos suportes e/ou meios para o computador, mas linguagem verbal escrita em sua manifestação mais genuína de representação do conhecimento, quer seja o discurso dissertativo argumentativo, ainda não criou uma forma própria digital, mas acredita-se que uma nova escritura hipertextual de representação do conhecimento possa estar em via de concretizar-se.

Palavras-chave: Hipertexto; Linguagem natural-classificação; Discurso-tipos; Semiótica peirceana.

THE LANGUAGES AND THE HYPERTEXT:

An introduction to the possibilities of discourse in the hypertextuary form

SILVANA DRUMOND MONTEIRO
Professora Assistente do Departamento de Ciências da Informação da Universidade Estadual de Londrina
Mestre em Biblioteconomia pela PUCCAMP
Doutoranda em Comunicação e Semiótica pela PUCSP.

E-mail: drumond@onda.com.br

ABSTRACT: The study of hypertextuary form as space of representation, being specifically, the object of study, the textuary dimension of hypertext. It is considered the relation between the media and the language unique, once that the technology (media) at its real/virtual space of inscription, makes the event possibility of organization and hybridization of the languages, so making possible a specific space of representation. The verbal language was scrutinized in agreement with kinds of discourse and with the Peirce's Semiotics, because both can evaluate the power performance of the languages and above all the first can be definid like principle of sequence, the organized whole. Was proposed to understand how such kinds of discourse, that have the principle of sequence, and was suggested on a fixed and linear structure in press media, how they organize themselves on a no-linear and interative structure in the digital media. As long as the man don't improve the new form (site), the tendency is to transpose everything that was been created before to digital space. The hybrid and cinetics languages pre-computers make a light transposition of old supports and/or medias to computer, but written verbal language and its most genuine demonstration of knowledge representation, or be the argumentative and dissertative discourse, haven't created an own digital form yet, but it is believed that a new hypertextuary deed of knowledge representation may be to come about

Key-words: Hypertext; Natural language-classification; Discourse-kinds; Peirce's Semiotics.

AS LINGUAGENS E O HIPERTEXTO:
uma introdução às possibilidades discursivas na forma hipertextual*

O homem é aquele ser na terra que não tem linguagem: o homem é linguagem.
(Anshen, R. N.)

INTRODUÇÃO

Linguagem, comunicação e mídia são partes imprescindíveis à compreensão da história do homem e sua evolução material e cognitiva. Peirce já dizia que a única coisa que se encontra em expansão é a mente humana. Dessa forma tudo coexiste, já está aí no mundo, muitas vezes não estão explícitas porque nossa mente ainda não consegue enxergá-las ou explicá-las. Queremos dizer que, para entender a semiótica peirciana requer uma expansão de nossa compreensão para tudo o que já foi escrito sobre linguagem.

Compreender os objetos sígnicos das linguagens não é tarefa fácil, mas afortunadamente fomos apresentados a uma teoria, senão a única, que pela sua complexidade, abrangência e coerência é capaz de desvelar os fenômenos semióticos. Ao mesmo tempo, e por nossa sorte, essa mesma teoria nos foi decifrada por um grande interpretadora e aplicadora da mesma nos estudos sobre a linguagem. Estamos falando da Semiótica peirceana e de Santaella (1992; 1996; 1999), sem as quais não teríamos a menor condição de discutir esse tema.

Dessa maneira, pretendemos discutir as linguagem em um panorama geral, no primeiro capítulo, a partir da classificação das linguagens, elaborada por Santaella (1999) à luz da Semiótica de Peirce. Nessa medida, quando falamos de símbolo, signo e representação, será sempre na acepção dos Autores supracitados.

---

* Este trabalho é parte da pesquisa de doutorado, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica na PUC-SP.

A Semiótica, elaborada por Peirce, tem uma fundamentação filosófica, possuindo assim em seu bojo, uma metodologia de orientação fenomenológica e lógica

Ao mesmo tempo, já estávamos perscrutando o hipertexto e discutindo-o como uma nova forma, eminentemente eletrônica. Para tanto, usaremos a classificação dos tipos discursivos de Santaella (1996), para entender a linguagem, uma vez que o conceito de forma é a relação do meio com a linguagem. Assim sendo, contemplaremos a discussão dessa linguagem (verbal escrita) sobre o meio, ou seja, visando comparar a organização do discurso sobre o meio impresso e o digital. Só assim conseguiremos discutir as estruturas lineares, não-lineares e as interativas.

Portanto, outra delimitação faz-se necessária. Sendo a linguagem verbal escrita estatuto do simbólico, e possuindo discursividade (que é a nossa categoria de análise adotada), há várias formas (no sentido de atualização ou adaptação da linguagem sobre o meio) possíveis de análise dentre as impressas, tais como: jornais, periódicos científicos, publicações seriadas, além dos livros (*códices)*.

Então, quando falarmos de narração, estamos nos referindo à narrativa ficcional, constante nos livros, descartando a narrativa jornalística (que se registra em outras formas). O mesmo ocorre com o discurso descritivo das enciclopédias dos *códices*, em detrimento de descrições publicitárias, e com o discurso argumentativo constante nos *códices* como representação do conhecimento.

Fica claro que a forma do *códex* é importante tanto quanto a forma do hipertexto, neste trabalho, e não se trata de uma visão dicotômica sobre o assunto, mas sobretudo visamos buscar, em um primeiro momento, a forma que detém o registro da linguagem verbal pura: o *códex*, e como conseqüência, uma maneira de dar embasamento para estender a discussão em vários desdobramentos que se queira contemplar o hipertexto.

Nesse contexto, realizamos uma análise discursiva hipertextual em suas estruturas, e embora nesse decurso tivéssemos percebido uma necessidade de afastamento de um pensamento puramente verbalista, à compreensão do hipertexto, não foi possível fazê-lo de todo, até porque o signo verbal da linguagem verbal escrita encontra-se no estatuto do simbólico, mas será inevitável, em trabalhos futuros, contemplar a importância da linguagem visual nesse espaço tão híbrido, que é o ciberespaço.

1 POR UMA CLASSIFICAÇÃO DAS LINGUAGENS

Em nosso tempo, é de extrema evidência que o homem é linguagem, sendo que agora conhece muitas linguagens não-verbais, bem como a linguagem das formas.

Para conhecimento da linguagens, como foi mencionado, é necessário um instrumental muito rico, pois as mesmas estão sempre associadas em eventos fenomenológicos, quer seja com a percepção (ou resultado dessa), ou com a cognição, ou ainda com os meios tecnológicos.

Percebe-se que só uma teoria com firmes bases filosóficas consegue explicar os processo semióticos, porque são *a priori* fenomenológicos, do universo das linguagens. Para Peirce "A fenomenologia ou doutrina das categorias tem por função desenredar a emaranhada meada daquilo que, em qualquer sentido, aparece, ou seja, fazer a análise de todas as experiências é a primeira tarefa a que a Filosofia tem de se submeter." (*apud* Santaella, 1983, p. 33)

Peirce analisando as experiências (vividas) encontrou três elementos que denominou de categorias do conhecimento, que são os modos como os fenômenos se apresentam à consciência. São categorias lógicas aplicadas ao campo das manifestações psicológicas, "mas não se entenda essas categorias como entidades mentais, mas como modos de operação do pensamento-signo que se processam na mente." (Santaella, 1983, p. 42)

Nessa medida, o processo semiótico tem um primeiro momento, um segundo e um terceiro. Anteriormente designadas 1) Semelhança, 2) Relação, e 3) Representação e posteriormente como 1) Qualidade, 2) Reação, 3) Mediação, foram por fim fixados como 1) Primeiridade, 2) Secundidade e 3) Terceiridade, para não ter nenhuma associação com os termos supracitados que por ventura eram utilizados nos estudos sobre a linguagem. A Semiótica peirceana fornece assim, "as categorias para a análise da cognição já realizada." (Buczinska-Garewicz *apud* Santaella, 1992, p. 53)

Assim sendo, a primeiridade tem relação com o sentimento, ou seja a primeira apreensão das coisas, e ainda não se trata de sensação ou pensamento articulado, "mas partes constituintes da sensação e do pensamento, ou de qualquer coisa que esteja imediatamente presente na consciência", prossegue, "sentimento é, pois um quase-signo

do mundo: nossa primeira forma rudimentar, vaga, imprecisa e indeterminada de predicação das coisas." (Santaella, 1983, p.46) Suas palavras-chave são: sentimento, acaso, indeterminado, vago, indefinido, oriência, novidade. Na semiose a primeiridade é uma mônada, isto é, não tem relação com nada totalmente determinado, é a pura possibilidade.

Nesse contexto, não se deve confundir sentimento com sensação, pois a sensação é composta de duas partes, a saber: o sentimento propriamente dito e a força desse sentimento agindo no sujeito.

Já a reação, existência, dependente, relativo, aqui-agora, choque, determinado, polaridade e ação-reação são as características da secundidade, pois "há um mundo real, reativo, um mundo sensual, independente do pensamento e, no entanto, pensável, que se caracteriza pela secundidade". (Santaella, 1983, p. 47)

Mas, como a teoria de Peirce é triádica, a secundidade necessita de outra ação, pois:

> *Assim como o mundo não se divide em coisas, de um lado, e signos, de outro, mas vive da mistura das coisas que, sem deixar de ser coisas, são também signos, e dos signos que só podem ser signos porque são também coisas, as ações, que movem o mundo, são de duas ordens irredutíveis, mas inseparáveis e superpostas: a ação diádica, embutida dentro da ação [triádica] do signo, ação inteligente ou semiose. Uma não pode ser concebida sem a outra. (Santaella, 1992, p. 77)*

Completando as categorias, a terceiridade significa signo, continuidade, semiose, aprendizagem, cognição, tempo, mediação, lei, mente e se encontra no terreno da razão e da tríade, mas a razão, em Peirce, não pode ser confundida com consciência, mas,

> *Como um lago sem fundo no qual as idéias (partículas materiais da consciência) estão localizadas em diferentes profundidades e em permanente mobilidade. A razão (pensamento deliberado) é apenas a camada mais superficial da consciência. Aquela que está próxima da superfície. Sobre essa camada, porque superficial, é a ela que nossa autoconsciência está atada. Daí tendermos a confundir consciência com razão. No entanto, se bem que a razão seja parte da consciência, ela não compõe, de longe, o todo da consciência. (Santaella, 1983, p. 41)*

De acordo com as categorias, a razão é um terceiro momento da apreensão e compreensão de um fenômeno. A terceiridade, a mais percebida ou a mais inteligível para nós, já é a síntese intelectual ou o pensamento em signos, a medição entre nós e o mundo. É o terreno do pensamento.

Assim, em breves palavras, explicamos as palavras-chave dos três momentos cognitivos do homem, ou seja, 1) Qualidade, 2) Reação e 3) Mediação.

Como conseqüência, as categorias (fenomenológicas) elaboradas por Peirce, fazem parte das classificações que o mesmo aplica nas ciências, em geral e na teoria dos signos, em especial. "A tese central de Peirce é a de que 'todo pensamento se dá em signos', do que decorre que (...) a cognição é uma relação de três termos, isto é, triádica, uma relação entre um sujeito e um objeto inevitavelmente mediada pelo signo." (Santaella, 1992, p.70)

Para a compreensão da classificação triádica dos signos, o signo pode ser dividido de acordo com ele mesmo, ou seja, como ele aparece (signo 1º), ou de acordo com o seu objeto, aquilo que o signo representa (signo 2º) e ainda com relação ao seu interpretante (signo 3º). O interpretante não é o sujeito receptor da mensagem, mas o interpretante do texto que se produz na mente do receptor.

Assim sendo, tem-se a classificação dos signos do Quadro 01:

Signo 1º em si mesmo	Signo 2º com seu objeto	Signo 3º com seu interpretante
1º quali-signo	ícone	rema
2º sin-signo	índice	dicente
3º legi-signo	símbolo	argumento

Quadro 01: Classificação dos signos. Fonte: SANTAELLA, Lúcia. ***O que é Semiótica***. São Paulo : Brasiliense, 1983. P. 62.

A leitura do Quadro 01 se dá, sobretudo, horizontalmente. Por exemplo, um objeto apresentado (porque na primeiridade as coisas se apresentam e não representam) como quali-signo-icônico-remático, está na proeminência da primeiridade

ou do ícone (o que para Santaella, 1999, seria a 1º classificação da linguagem sonora). Outro exemplo, algo que detenha o legi-signo-simbólico-argumentativo ocupa a terceiridade triádica, sendo o caso do discurso (dissertativo) argumentativo, que comporta a representação do conhecimento, que iremos tratar mais adiante, um exemplo de signo genuíno.

As relações entre os signos tendem a ser mais complexas, como por exemplo, pode-se o símbolo ser divido em termos (rema), proposições (dicente) e argumentos. Os argumentos, por sua vez, foram divididos em abdução, indução e dedução, enquanto formulação da Lógica em Peirce.

O signo, tradicionalmente considerado como o resultado da unidade entre a coisa e a palavra, na Semiótica peirceana apresenta-nos uma novidade, ele jamais pode estar vinculado somente ao seu estatuto simbólico, pois:

> *... o mundo não consiste de duas espécies exclusivas de coisas, signos, de um lado, e não signos, de outro, também não há três tipos mutuamente exclusivos de signos: ícones, índices e símbolos. Estes são, antes, elementos ou aspectos de semiose que, de uma semiose a outra, variam grandemente, na importância ou proeminência relativa. Podemos, para simplificar, chamar um signo pelo nome de elemento ou aspecto que é mais preponderante nele, ou para o qual queremos chamar atenção, o que não implica que não haja os elementos ou aspectos dos outros dois tipos. (Fisch apud Santaella, 1992, p. 84)*

Nesse momento, a Semiótica peirceana nos pede um afastamento das teorias e do pensamento puramente verbalistas, pois "para Peirce, não há nenhum método, nenhum raciocínio, nenhum pensamento, nenhuma linguagem que possa se processar apenas em signos simbólicos, ou seja, que não faça uso de outros tipos de signos além dos símbolos." (Santaella, 1992, p. 23)

Como se pode ver, a relação triádica em Peirce perpassa a classificação dos signos, pois algo que esteja na secundidade possui também a primeiridade (o inverso não é verdadeiro), e a terceiridade detém ambas.

Uma vez apresentada a classificação triádica dos signos, passaremos à classificação das linguagens.

1.1 AS LINGUAGENS PURAS

Para Santaella, "a Semiótica peirceana se presta para o mapeamento fenomenológico, ontológico e epistemológico de quaisquer campos de semiose, mas foge de seu poder o detalhamento descritivo das particularidades de cada processo sígnico". (1992, p. 47) Portanto, à descrição de processos concretos de signos, sua teoria precisa de diálogo e interação com teorias mais particulares e específicas, e para tanto usaremos a classificação das linguagens, puras e híbridas, elaborada por Santaella (Comunicação verbal oral, 1999)*, a saber:

Linguagens Puras:

- Linguagem sonora;
- Linguagem visual;
- Linguagem verbal.

Cada qual guarda em si particularidades e irradiações sígnicas que foram desveladas sob à luz da Semiótica peirciana. Não por acaso, Santaella (1999) encontrou nas três linguagens puras as características das três categorias peircianas.

A linguagem sonora, ocupa o espaço primeiro, ou seja, a primeiridade, e como tal encontra-se na proeminência do ícone. Vale dizer que na primeiridade, a qualidade de sentimento diz respeito à "simples apreensão daquilo que o fenômeno na sua materialidade mais imediata evidencia: cor, forma, cheiro, brilho, som, textura..." (Santaella, 1996, p. 137-8)

Assim, algo que esteja na primeiridade se presenta e não representa. A música se propaga no espaço através de suas irradiações icônicas, mesmo que esteja gravada, inscrita em um meio ou suporte. É a linguagem que transmite de maneira mais direta um sentimento.

---

* SANTAELLA, Lúcia. **As três matrizes do pensamento e linguagem:** sonora, visual e verbal**.** São Paulo, 1999. Comunicação verbal oral (Disciplina de doutorado ministrada no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica)- PUCSP.

A proeminência icônica da música permite “n” desdobramentos de possibilidades e criatividade, através do quali-signo, bem como de sua continuidade, através da fixação da música em um registro de gravação. Assim como na linguagem verbal, onde as tecnologias afetam os espaços das formas (porque toda forma de linguagem é também um espaço cognitivo), parece que na música os meios eletrônicos e digitais parecem estar imprimindo influências na música.

É importante perceber que, quando se classifica a linguagem, ela própria sendo a primeira, que possui um primeiro, um segundo e um terceiro, admitimos que os três momentos coexistem dentro de um fenômeno semiótico. Segundo Santaella, há uma face icônica na música (o primeiro encontrando com o primeiro é o signo genuíno- quali-signo-icônico-remático- por isso a proeminência da linguagem sonora no ícone), uma fase indicial e uma simbólica. Assim ocorre com todas as classificações das linguagens na tríade de Peirce.

Já a linguagem visual encontra-se no terreno do índice, ou seja, na secundidade dos fenômenos, de acordo com Santaella (1999), a despeito das associações (porém não exclusivas) de Peirce e de outros autores posteriores (destes exclusivamente) da imagem com o signo icônico.

O segundo tem relação com a existência, por isso que foi denominada, antes, de reação. Pois para Santaella (1983, p. 47),

> *Certamente, onde quer que haja um fenômeno, há uma qualidade, isto é, sua primeiridade. Mas a qualidade é apenas uma parte do fenômeno, visto que, para existir, a qualidade tem de estar encarnada numa matéria. A factualidade do existir (secundidade) está nessa corporificação material.*

O índice estabelece uma conexão dinâmica com o seu objeto representado, uma representação de relação, de referência. Então, nada mais referencial que uma imagem figurativa.

Esse posicionamento é uma atualização de Santaella, com relação às imagens, pois é comum encontrar a expressão “ícone” como sinônimo de imagem.

Perceber as possibilidades da linguagem imagética é importante para compreender a dimensão da imagem nas linguagens híbridas que proliferam na sociedade, tais como o cinema, televisão, e hoje no ciberespaço.

No universo das imagens, a fotografia (imagem figurativa) reflete o signo genuíno (sinsigno-indicial-dicente), dada a sua expressão descritiva visual, pois "a imagem participa do ser que a representa, pois o que está representado volta-se a si mesmo, ou seja, ele está por si mesmo em sua imagem." (Bairon, 1998, p. 21)

Já a vivência com a Arte, especialmente a não representativa, é uma vivência estética, porque contém uma experiência inacabada e inacabável com o mundo, pois " na vivência da arte, há uma pertença de sentido." (Bairon, 1998, p. 21)

As imagens representativas, quando instalam-se no terceiro momento, vão adquirindo o estatuto do simbólico, tanto que o alfabeto fonético é uma convenção da imagem para registrar a linguagem verbal.

Como se pode ver, a linguagem como espaço semiótico organiza o espaço das funções cognitivas, através das matrizes do pensamento, que decodificam os objetos sígnicos representados nas linguagens. Assim sendo, a linguagem verbal escrita encontrou no meio impresso o ambiente perfeito para o desenvolvimento da gramática em função da fixação visual do alfabeto fonético, bem como encontrou na Renascença o momento propício para a consolidação do *códex*, ou seja, da forma do livro e dos discursos, e por pressuposto, das representações do conhecimento.

Nesse sentido, a noção de linearidade e de homogeneidade do espaço e do tempo parecem plasmar na forma física do livro impresso tornando suas principais características, pois,

> *Linearidade e homogeneidade das partes foram descobertas ou antes mudanças na vida sensória dos gregos sob o novo regime da escrita fonética. Os gregos expressaram esses novos modos de percepção visual nas Artes. Os romanos estenderam a linearidade e a homogeneidade pelas esferas civis e militares e pelo mundo da arco e do espaço visual, ou fechado. Estenderam a linearidade por todo um império e a homogeneização para o processamento-em-massa de cidadãos, da estatutária e dos livros (McLuhan, 1972, p. 92)*

Ao mudar a posição relativa dos sentidos, ou seja, da audição à visão, em função do alfabeto fonético, o homem desenvolveu o "ponto de vista fixo", onde os valores visuais têm prioridade na organização do pensamento e da ação. A prioridade

inicial dos gregos e depois do Ocidente foi com a proporcionalidade do mundo, tanto nas ciências quanto nas Artes.

Assim, a geometria euclidiana concebeu o mundo de forma linear, homogênea e uniforme, como de forma análoga ao tempo da narrativa cronológica, na literatura; a perspectiva passou a ver o mundo e seus objetos em três dimensões, sendo essa a noção de espaço nas Artes. É preciso notar que para McLuhan (1972) o alfabeto envolveu os gregos num espaço euclidiano de ficção. "O efeito do alfabeto fonético ao trasladar o mundo audiotáctil para o mundo visual foi criar o sofisma de 'conteúdo', tanto na Física como na Literatura." (p. 339)

Essa separação entre as linguagens (e os sentidos), acaba no momento em que as linguagens híbridas encontram nos meios elétricos o ambiente ideal para o desenvolvimento de novas formas, e agora com o ciberespaço.

Estamos no terreno do simbólico, da representação, quer seja da linguagem verbal escrita. O símbolo para ser apreendido tem que ser traduzido, decodificado. Mas ao mesmo tempo para que isso aconteça deve haver uma lei, uma dimensão do legi-signo atuando no interior da linguagem. Assim, ela diz o que realmente quer dizer, e por isso tenha se consolidado como linguagem de representação do conhecimento, pelo poder do argumento. A única linguagem que pode argumentar é a verbal escrita.

Em função desse fato, Santaella (1983, p. 11) nos alerta que houve um condicionamento histórico que,

> *... nos levou à crença de que as únicas formas de conhecimento, de saber e de interpretação do mundo são aquelas veiculadas pela língua, na sua manifestação como linguagem verbal oral ou escrita. O saber analítico, que essa linguagem permite, conduziu à legitimação consensual e institucional de que esse é o saber de primeira ordem, em detrimento e relegando para uma segunda ordem todos os outros saberes, mais sensíveis, que as outras linguagens, as não-verbais, possibilitam.*

Não é difícil comprovar a afirmação supracitada se revisitarmos as teorias formuladas para estudo da linguagem verbal. Nessa medida, tem-se a Lingüística, a Semiologia e até a Semiótica greimasciana, sendo esta última uma semântica estrutural. Todas, preocupadas com o conteúdo das mensagens.

Sobre o problema da significação, McLuhan (1972, p. 117-8) constatou,

> *O estudante de literatura e filosofia inclina-se a interessar-se pelo 'conteúdo' do livro e a ignorar-lhe a forma. Essa falha é peculiar à alfabetização fonética na qual a pessoa que lê tem sempre que recriar a fala ou a palavra que é o 'conteúdo' do código visual.(...) No mundo da alfabetização fonética essa separação entre forma e conteúdo é inevitável e universal, afetando tanto o estudioso ou 'scholar' quanto o leitor ou não-letrado.*

A separação entre conteúdo e forma nunca foi uma proposta que tenha conseguido, epistemologicamente, revelar a natureza das linguagens, pois o máximo que conseguiu foi esmiuçar o conteúdo da linguagem verbal. Assim sendo, descartamos essa visão dicotômica para o estudo das linguagens, porque os processos envolvidos nas linguagens são fenomenológicos e não dicotômicos. Talvez explique o fato de que a Semiótica peirceana consiga perscrutar aquilo que parece impossível para as outras teorias.

Segundo o Autor supracitado, nenhum escriba ou leitor chinês poderia cometer o erro de ignorar a própria forma de escrever, porque seus símbolos de escrita não separam a fala ou palavra do código visual, como separa o alfabeto fonético.

Por esse motivo que a linguagem verbal está no terreno da representação, da mediação, pois,

> *... a noção peirciana dos signos verbais-convencionais (terceiros) só se explica através de operações lógicas, isto é, pela mediação de uma lei ou hábito que tem seu suporte-físico na mente humana e que leva à interligação dialética de signos objetos a signos interpretantes num processo (em espiral) ad infinitum. (Santaella, 1996, p. 93)*

Na classificação de Santaella (1996), o discurso científico, próprio das trocas simbólicas e que move a ordem bibliográfica, encontra-se no terceiro da terceiridade, sendo portanto um signo genuíno, onde o argumento é capaz de se revelar nas conceituações.

1.2 AS LINGUAGENS HÍBRIDAS

O surgimento dos meios elétricos criou um novo cenário que propiciou, novamente, a hibridização das linguagens, criando assim novas formas de linguagem, associadas às novas formas de comunicação.

Para Santaella (1999), as linguagens híbridas dividem-se em:

- Verbal-visual: gesto, mímica, dança performance, happening;
- Verbal-sonoro: canto, literatura oral, poesia sonora, rádio;

- Visual-sonoro: Arquitetura, dança, computação gráfica;
- Visual-verbal: escritura, poesia, publicidade impressa, charge, poesia visual; jornal; enciclopédia;

- Sonoro-verbal: canção;
- Sonoro-visual: música instalação, teatro experimental, vídeo;
- Sonoro-verbal-visual: circo, teatro, ópera, cinema, TV, hipermídia.

Como toda linguagem está ligada à percepção, os meios híbridos, porque misturam duas ou mais linguagens, acabam também por estimular ou promover uma mudanças na posição relativa dos sentidos.

Para McLuhan, o híbrido é o encontro de dois meios, que constitui um momento de verdade e revelação, do qual nasce a forma nova. "O momento de encontro dos meios é um momento de liberdade e liberação do entorpecimento e do transe que eles impõem aos nossos sentidos. (1999, reimpressão, p. 75)

Nesse sentido, o Autor supracitado era adepto aos meios elétricos, achava que os mesmos iam trazer, à sociedade, uma posição de sinestesia, que havia sido perdida com as separação das linguagens, na Renascença, sobretudo em função do desenvolvimento dos valores visuais que o ponto de fixo da linguagem impressa tinha trazido à cognição.

Se os novos meios são portadores de sinestesia ou não, é importante salientar que produzem sentidos, não só no sentido de significação, mas de percepção, pois para São Tomás de Aquino, os sentidos "deleitam-se nas coisas devidamente proporcionadas como algo afim com eles próprios; porque o sentido também é uma espécie de razão como é todo poder ou faculdade cognitiva". (*apud* Ryan, 1951, p. 55)

O ciberespaço parece reforçar o ambiente da hibridização, onde em um mesmo espaço, as três matrizes do pensamento e da linguagem estão explicitadas e em constante interação. A discussão está aberta.

2 A FORMA HIPERTEXTUAL: como linguagem e meio

O objeto do estudo é a dimensão verbal na Internet, ou seja, o hipertexto. Como o hipertexto se trata de uma forma, se fará necessário apresentar o conceito da mesma.

Assim sendo, considera-se forma o signo inscrito, em algum meio material e/ou digital (com ou sem suporte, dependendo da materialidade da forma) permanecente, formando um espaço semântico/semiótico, proporcionando assim uma determinada representação do conhecimento. Admiti-se portanto, a relação da linguagem com o meio, como conceito de forma, e não a visão dicotômica, conforme demonstrado, sobre forma e conteúdo. A forma nasce de uma atualização ou adaptação da linguagem sobre o meio.

Nessa medida, estudar a forma hipertextual implica em olhar a linguagem em interação com o meio digital. Para compreensão da linguagem, propõe o estudo dos tipos discursivos, porque esses podem ser definidos como o princípio de seqüência, o todo organizado, com poder de representação. Para Santaella (1996), o discurso varia de acordo com a espécie do objeto que nele se representa. Mas sobretudo, propõe-se compreender como tais discursos, que têm o princípio de seqüência, se organizam em uma estrutura não-linear e interativa no meio digital.

O hipertexto pode ser definido como "tipo de documento que permite ligações cruzadas entre diversas partes de um mesmo documento ou através de documentos diferentes." (Leão, 1999, p. 140) É um novo tipo de texto eletrônico e sua característica principal é a apresentação da informação de uma maneira não-linear, de estrutura interativa, como se a organização seqüencial e linear do papel fosse desmantelada.

É importante compreender o hipertexto, porque pela primeira vez a linguagem verbal retorna com força (após a impressa) para um novo meio de gravação, ou inscrição, ou como queiram, de comunicação.

Só que agora não se trata da palavra estática, linear, e sim da palavra cinética, de lexias curtas, onde as teorias da Lingüística à compreensão do discurso têm que admitir a relação da linguagem com seu meio de inscrição, para explicar a questão da

não-linearidade. Por isso mesmo, afirmamos que toda linguagem é fenomenológica. Não há como compreendê-las sem apreender suas relações, ou pelo menos, parte delas.

Assim, vamos dar uma olhada na estrutura do texto no hipertexto para entendermos a diferença entre uma palavra estática e outra cinética, quer seja, entre uma estrutura linear e outra interativa e os tipos discursivos, que pela sua potencialidade lingüística podem atender ou não a uma estrutura não-linear.

Algumas das mudanças da forma do texto, da passagem do impresso ao eletrônico, seria a apresentação da estrutura textual em seu meio físico para o digital com a capacidade que este permite seu uso e a disposição do texto. Para compreender o hipertexto, tem-se que estabelecer uma relação com a estrutura textual do material impresso, que Le Coadic explica (1996, p. 59),

> *Em que um documento hipertexto difere de um documento convencional de papel? Num documento de papel, seja um artigo ou romance, as estruturas físicas e lógicas estão muito próximas. Fisicamente, o documento é uma longa seqüência linear de palavras que, por razões de ordem prática, foi dividida em linhas e páginas. A estrutura lógica do documento também é linear: combinam-se as palavras para formar frases, as frases, parágrafos, os parágrafos, capítulos, etc. Se o documento apresentar uma estrutura lógica hierarquizada, como acontece com muitos documentos científicos, esta hierarquia será reproduzida de forma linear: resumo, introdução, primeiro parágrafo, segunda parte, e assim por diante até conclusão.*

O texto do hipertexto como estrutura interativa abandona, em princípio, o paradigma do livro impresso, pois essa estrutura apoia-se sobre dois elementos básicos: (Leão, 1999)

- blocos de informação, ou sentenças, que são designadas "lexias", termo adotado emprestado de Barthes por Landow (1992). As lexias podem ser formadas por diferentes linguagens, pois o meio digital permite tal gravação e interação, quer seja, textos, imagens, sons, etc.;

- os *links* ou elos de ligação são os vínculos eletrônicos que ligam os blocos de informação, fazendo conexões interativas, possíveis em

função da organização da informação em rede, em um espaço digital que permite a navegação, dando assim uma ligação contígua entre os elementos ligados.

A fim de contextualização teórica, o discurso, na Lingüística textual, pode ser categorizado de duas maneiras:

- quanto ao discurso propriamente dito, visando categorizá-lo de acordo com a divisão clássica dos discursos: narrativo, descritivo e dissertativo. Esta classificação, é a mais tradicional na Lingüística e é determinada a partir do registro lingüístico que caracteriza cada discurso;

- quanto à estrutura textual do discurso, divide-se em: macroestrutura, onde as proposições ou sentenças levam ao significado geral do texto (análise do discurso) e superestrutura, onde os esquemas existentes e subjacentes propiciam uma relação lógica tanto à compreensão da forma global , quanto à apresentação do discurso.

A primeira abordagem, quer seja a discursividade, foi retomada como eixo de classificação da linguagem verbal, e ao mesmo tempo atualizada por Santaella (1996).

Aplicando a Semiótica peirceana, Santaella (1996) encontrou as características da primeiridade na linguagem descritiva, pois a mesma detém a tradução verbal das qualidades das coisas que os sentidos captam. Para tanto, o discurso descritivo se vale do registro lingüístico de preposições e adjetivos para descrever as qualidades.

Já na narração, estamos “diante do registro de atos concretos, experiências singulares (sejam existenciais ou ficcionais)”, isto é, características da secundidade, em função do registro lingüístico da marcação temporal dos verbos. (p. 194)

Na dissertação “estamos diante de uma realidade que tem um modo de expressão puramente intelectiva, racional, e como tal de natureza geral”, ou seja, da terceiridade, que através da relação proposição/argumentação busca-se a conclusão. (Santaella, 1996, p. 194)

Essa visão, de Santaella, ajuda a estudar a discursividade no hipertexto, porque a discursividade não é uma particularidade inerente da linguagem verbal escrita, posto que o hipertexto é uma linguagem híbrida (embora se esteja analisando a dimensão textual verbal do hipertexto), mas sobretudo porque ajuda na compreensão no potencial lingüístico que cada gênero discursivo pode oferecer em termos de plano de representação.

Propõe-se, juntamente com o supracitado, estudar a discursividade relacionada com o seu meio de inscrição, sendo o meio o espaço de organização, não só do discurso, ou seja da linguagem, mas também das funções cognitivas.

Com relação ao texto, não podemos generalizá-lo para estudo do hipertexto, isto é, tomá-lo em abstrato, para discuti-lo, sem levar em consideração o seu tipo discursivo e os objetos possíveis de representação, como muitos autores o fazem (mas também não significa que vamos fazer análise de discurso, porque não estamos preocupados com significação, e descartamos a visão dicotômica forma/conteúdo).

Explica-se, essa afirmação, por considerar que o tipo discursivo, sobretudo em função de sua superestrutura (esquema) pode influenciar nos quesitos como estrutura linear, não-linear e interativa. Exemplificando: quando Le Coadic (1996) encontra similaridades entre a enciclopédia (portanto *códex*) e o hipertexto, e Chartier (1994) encontra diversidades entre o *códex* e o hipertexto, há de se perscrutar a linguagem verbal como discurso para vislumbrar porque a mesma forma (*códex*) ora é assimilado facilmente como forma hipertextual, ora é inconcebível tal assimilação. Compreender tais especificidades permite, ao mesmo tempo, evitar generalizações inerentes e uma visão dicotômica sobre o tema.

Lévy, logo após de estabelecer às formas o estatuto de tecnologias da inteligência (1996) percebeu que para entender melhor tais formas haveria a necessidade de perscrutar a linguagem, escrevendo assim *A ideografia dinâmica*. Analisou a linguagem verbal de acordo com o discurso e a linguagem visual de acordo com a

Semiótica peirceana (*cf.* p. 26) ambos capazes de avaliar o poder de representação das linguagens (1998).*

Se considerá-lo, o hipertexto, como uma forma eminentemente eletrônica, sendo a forma do *site* uma nova forma, assim é possível discuti-lo genericamente, mas epistemologicamente não resolverá o problema, porque haverá dificuldades em explicar o que há atrás do *site*, pois este ainda não se consolidou totalmente como uma nova forma, tanto é que alguns técnicos insistem em dizer que há necessidade de veicular "conteúdo" na Internet.

Assim sendo, adotar a abordagem do texto em abstrato, sem levar em consideração o objeto que nele se representa, ou seja, a que tipo linguagem ou de discurso se trata, parece esbarrar em alguns aspectos, a saber:

a) admitindo que a dimensão textual da forma hipertextual contém linguagem, a que tipo de discurso se trata? Isso explicaria o hipertexto como espaço de representação (conhecimento, informação, publicidade?)

b) considerando o universo das linguagens, já que o hipertexto é uma linguagem híbrida, qual a implicação dessa hibridização na discursividade?

c) o homem tende a reproduzir tudo o que existia antes, nas mídias consagradas, nas novas mídias. E como isso já está acontecendo, vamos explicar a linguagem verbal e sua classificação discursiva como conhecida e consolidada no meio impresso, e as possibilidades ou mesmo as não possibilidades da mesma, no hipertexto.

Com relação à Lingüística textual (*cf.* p. 16), a segunda abordagem, a superestrututa, é mais recente, onde os autores procuram trabalhar o discurso em termos de interação e cognição, sendo van Dijk (1992) um dos representantes dessa linha. Os esquemas textuais são marcados por uma lógica interna, no discurso, visando fornecer esquemas mentais para a recepção da leitura. Nesse sentido, difere da macroestrutura,

* É preciso notar que os anos precisos, de copyright são 1990 e 1991, respectivamente, onda a *Web* não havia se concretizado como espaço de escritura proeminente na Internet, o que demonstra uma antevisão do autor sobre os assuntos abordados nas obras citadas.

pois não determina o conteúdo do discurso, mas sim sua forma global, definida em sintaxe, em termos de categorias esquemáticas.

Exemplificando, a superestrutura do discurso descritivo possui um esquema que visa listar elementos selecionados do objeto tematizado, tendo como exemplo clássico as definições gerais das enciclopédias, ou a publicidade e propaganda. Já o discurso narrativo, de experiência vivida como as matérias de jornais ou então a narrativa ficcional na literatura, teria uma situação na estória, onde entra em conflito, gerando uma crise e levando, ao final, à resolução. No discurso dissertativo, os esquemas de causa/efeito, tese/evidência, problema/solução, premissa/conclusão são recorrentes. Para Sprenger-Charolles, o discurso argumentativo contém o esquema de tese-anterior ou premissa, argumento e conclusão. (*apud* Marquesi, 1996)

É interessante perceber que tais roteiros, da superestrutura, podem necessitar de determinadas estruturas e construções lingüísticas para se fazerem inteligíveis.

A fim de contextualizar, alguns roteiros, como por exemplo o discurso dissertativo, dificilmente poderá ser alterado, isto é, subvertido em sua ordem, pois a sua clareza e a sua conclusão precisam do roteiro linear de causa/efeito, tese/evidência, problema/solução, premissa/conclusão, bem como de sentenças (lexias) argumentativas, que pela conexão necessária, entre as mesmas no discurso, não são autônomas (ao contrário das lexias no hipertexto) e portanto são lineares.

Os autores, quando estudam o hipertexto, inevitavelmente chegam ao conceito de não-linearidade. Essa classificação não é dada na Lingüística, com exceção do conceito de linearidade encontrado em Kleiman (1989). Para a Autora, o princípio de linearidade do texto impresso pressupõe a materialização linear dos elementos constitutivos da obra, refletindo uma ordem natural do mundo, que por sua vez, reflete na linguagem.

Percebe-se então, dois elementos envolvidos: <u>a linearidade discursiva</u>, que está ligada ao poder de representação da linguagem, <u>e a linearidade dos elementos constitutivos do discurso</u>, que está ligada à inscrição e ao poder de organização do texto ou das partes do texto sobre o meio, e que em cada meio tende a modificar-se.

A não-linearidade é condição *sine qua non* na linguagem hipertextual, quer seja em suas lexias (texto), ou em sua organização no espaço, e por isso mesmo o hipertexto é interativo.

No texto impresso existem os precursores da não-linearidade, sobretudo na literatura, mas, tem-se a não-linearidade discursiva, e não propriamente a não-linearidade dos elementos constitutivos do texto no espaço impresso, pois esse mesmo texto apresenta-se fisicamente linear, preso na materialidade do objeto. Mesmo que se faça "jumps", ou seja, conexões entre partes não ligadas linearmente nessa estrutura física, não significa portanto que se trata de um texto interativo.

Assim sendo, a estrutura física do livro impresso, em função da rigidez da palavra estática não permite que a estrutura lógica realize interações (*in locum*, na mesma página ou texto a possibilidade de aparecer e desaparecer informações e/ou linguagens) além das quais que já estejam previamente registradas, embora possa permitir uma leitura não-linear, como no caso de alguns textos narrativos, ou estabelecer conexões, como no caso das enciclopédias. Ou seja, a tecnologia impressa é fundadora da lógica linear, mas sem determiná-la, apenas configurando uma ecologia cognitiva para Lévy (1996), ao contrário de McLuhan (1972).

Por outro lado, a tecnologia multimídia só pode ser desenvolvida em suas potencialidades interativas não-lineares. Portanto, juntamente com o conceito de não-linearidade no hipertexto vem o princípio de interatividade, premissa não verdadeira para o texto impresso, apesar deste ter conexões, porém conexão não é necessariamente sinônimo de interatividade.

Embora reconhecendo que a interatividade não é um fato necessariamente tecnológico, mas também intelectual, o conceito utilizado para o termo foi emprestado de Rokeby *apud* Leão (1999, p. 31) onde "a interatividade se define no momento em que a obra reflete de volta para nós a conseqüências de nossas ações e decisões." Exatamente assim , poder agir e decidir no hipertexto o que "conectar", aonde ir, por onde ir, se valer da ocorrência de várias linguagens, ou seja, estar atualizando o tempo todo um documento em seu espaço de inscrição, tornando-o virtual.

Nesse momento, tem-se os elementos necessários para a discussão: estrutura não-linear, discursividade e interatividade.

2.1 O DISCURSO DESCRITIVO E O HIPERTEXTO

Como exemplo de texto descritivo, impresso, tem-se as enciclopédias, entre outros. São textos referenciais e por isso mesmo tem como principal aliado a

fotografia para ilustrar o que foi representado verbalmente. Como tal, o texto é sintético, fragmentado e atomizado, assim como as lexias do hipertexto, que segundo Landow (1992, p. 52):

> *...o texto [do hipertexto] apresenta-se fragmentado, atomizado em seus elementos constitutivos (em lexias ou blocos de texto), e essas unidades legíveis passam a ter vida própria ao se tornarem menos dependentes do que vem antes ou depois na sucessão linear. Landow (1992, p. 52) (tradução nossa)*

A descrição geral, que em princípio ocupa o espaço da primeiridade, na classificação de Santaella (1999) para a linguagem verbal pura, no hipertexto, com o recurso da imagem cinética, enriquece-se em sua dimensão indicial, isto é, da secundidade, em função da conexão dinâmica com o objeto representado.

Nessa medida, o texto enciclopédico já é uma linguagem híbrida, pois a linguagem verbal não se encontra pura, assim como a linguagem visual, e talvez isso explique porque a enciclopédia tenha se realizado no meio digital (e outros exemplos de textos descritivos, como a propaganda e publicidade), pois:

> *Aquilo que está em jogo em todo empreendimento enciclopédico dá uma força particular ao texto eletrônico. Pela primeira vez, no mesmo suporte, o texto, a imagem e o som podem ser conservados e transmitidos. Imediatamente, toda a realidade do mundo sensível pode ser apreendida através de diferentes figuras, de sua descrição, de sua representação ou de sua presença (....) torna-se possível a disponibilidade universal das palavras enunciadas e das coisas representadas. (Chartier, 1998, p. 134-5)*

A interatividade nesse tipo de discurso, que no hipertexto se realiza, ajuda na consulta desses documentos, uma vez que algumas obras, pelo seu arranjo mais sofisticado (estrutura que apresenta conexões) faz lembrar o uso de um hipertexto, como por exemplo, as enciclopédias, dicionários e algumas obras de referência.

A forma de recuperar informações nesses documentos, do ponto de vista lógico, é mais complexa do que em um texto normal, uma vez que ninguém precisa lê-los

do começo ao fim. Então recorre-se a uma palavra-chave no índice, que pode ser um assunto, um nome, etc., e essa remete ao ponto exato (dentro da estrutura lógica e física) onde deve ser lida a informação.

Em razão da estrutura lógica estar separada fisicamente em volumes, dá a esses documentos o caráter de remissão, ou texto remetente, que é próprio do hipertexto, mas sua estrutura lógica ainda apresenta-se presa na materialidade do *códex*, embora os textos permitam uma leitura não-linear, através de tópicos sintéticos descritivos, fragmentados e autônomos.

Os documentos eletrônicos que usam o hipertexto possuem essa maneira de recuperar a informação, e portanto nesse aspecto (das conexões) pode-se fazer uma comparação.

O que diferencia o conceito de hipertexto dos documentos impressos é que no hipertexto " a informação encontra-se de fato, armazenada em uma rede de nós conectados por ligações" que podem ser nós que contêm gráficos, textos, sons e imagens, os chamados documentos hipermídia. " As ligações unem essas entradas entre si: do texto lido aos textos a ler, da ilustração ao trecho de música... É sempre possível modificá-los ao contrário do documento impresso." (Le Coadic, 1996, p. 60).

Quer dizer que a maneira de buscar as informações no hipertexto pode até ser aparentemente comparável ao manuseio de uma obra de referência como uma enciclopédia, entretanto, a conexão na forma eletrônica do hipertexto é interativa e com mais recursos, uma vez que a informação não se esgota em uma ou algumas unidades físicas, sem contar que o bits usa menos espaço em seu suporte de registro que a palavra impressa.

Assim sendo, pode-se consultar em um só CD-Rom uma enciclopédia que contém 26 volumes e interagi-los a partir da busca de informação. Ou seja, sua estrutura lógica e física são intercambiáveis, pois o espaço físico eletrônico permite essa associação, ao passo que para fazer os cruzamentos que um assunto necessita em uma enciclopédia impressa, tem-se que manusear várias estruturas físicas, além do texto apresentar-se em seqüência linear.

A forma eletrônica, do documento eletrônico, abriga, na razão inversa da forma impressa, ou seja, várias estruturas lógicas em uma estrutura física, pois "a quase instantaneidade da passagem de um nó a outro permite generalizar e utilizar em toda sua extensão o princípio da não-linearidade" (Lévy, 1996, p. 37)

2.2 O DISCURSO NARRATIVO E O HIPERTEXTO

Um olhar atento na literatura é capaz de desvelar estruturas não-lineares nos livros impressos. Como exemplo, encontram-se "O jogo de Amarelinhas" de Cortazar (1966), ou o conto de Borges sobre "O Jardim dos Caminhos que se Bifurcam" (1941), entre outros. (Palacios, 1999)

A superestrutura do gênero narrativo, isto, é seu roteiro subjacente de situação/conflito/resolução, bem como seu plano lingüístico, de marcação temporal desses eventos, podem subverter a ordem da linearidade. Entretanto, quando se observa a não-linearidade dos elementos constitutivos do texto, percebe-se, como já mencionado, que os mesmos estão presos na materialidade do objeto em que se encerram. No hipertexto esses dois elementos desmantelam-se.

Sendo a página a unidade de dobra do texto impresso, torna a leitura do *códex* uniforme, linear e paginada. O hipertexto possui todas as dobras possíveis. "Ao ritmo regular da página se sucede o movimento perpétuo do dobramento e desdobramento de um texto caleidoscópio." (Lévy, 1996, p. 41)

A visão de caleidoscópio é mágica! Novos prefixos como *mega* e *hiper* estão sendo emprestados do grego para designar toda essa informação "caleidoscópica", mas com relação à compreensão do texto, Lévy (1996) aponta que para entender e memorizar o conteúdo dos textos é necessário que os leitores depreendam sua macroestrutura conceitual (textos impressos) e que o oposto é mais difícil, ou seja, abstrair e integrar o sentido de um texto a partir da fragmentações (hipertexto).

Palacios (1999) aponta que a não-linearidade interativa de textos literários, no hipertexto, encontra o problema do fechamento, isto é, a dificuldade de se encontrar o fim das estórias, ou mesmo a inexistência desse.

Isso ocorre em função da estrutura interativa, onde as lexias são cinéticas e interativas, e como tal devem ser sintéticas e autônomas, ao contrário das sentenças fixas e longas nos livros impressos. Ainda no livro impresso, o embaralhamento temporal da superestrutura narrativa não torna esse texto interativo. Se a dobra de página, seja ela consecutiva ou não, não for realizada em sua completude, o texto não fará sentido, não terá seu fechamento. No hipertexto não há fechamento, dada a possibilidade de interação em potencial e real.

Palacios (1999) ainda afirma que o leitor precisa sempre encontrar a sua linearidade de leitura e assim sendo, o hipertexto é multilinear em vez de não-linear. Sobre esse aspecto discordamos, pois do ponto de vista do autor ou emissor, ou mesmo do construtor do *site,* a organização do mesmo é feita através de uma rede de nós conectados, e a arquitetura randômica do texto sugere sempre a não-linearidade. Do ponto de vista cognitivo, os nossos esquemas de assuntos, as nossas associações e redes, também nunca foram lineares, e como o hipertexto, possui uma estrutura associativa ,

> *... que reproduz, muito de perto, a estrutura da memória humana e pode tornar-se seu complemento íntimo e ampliado. Permite substituir as estruturas clássicas arborescentes da informação por estruturas mais ricas e mais complexas, organizadas em redes, mostrando um mero infinito de caminhos, abertos a todas as navegações e interligando múltiplos objetos. (Le Coadic, 1996, p. 61)*

Ao contrário, para que uma estrutura se apresente linear, é necessário um texto extenso, que possa desenrolar-se de maneira tal, que se apresente numa organização arborescente, hierárquica.

Sobre o paradigma do livro impresso, Chartier (1994, p. 106) afirma que afirma que o livro de Dante, Shakespeare e Galileu, não é qualquer livro, mas,

> *A metáfora do livro do mundo, do livro da natureza, tão potente, na Idade Moderna, encontra-se fixada às representações imediatas e enraizadas que associam naturalmente a escrita ao <u>códex</u> . O universo de textos eletrônicos significará, necessariamente, um distanciamento em relação às representações mentais e às operações intelectuais especificamente ligadas às formas que teve o livro no Ocidente há dezessete ou dezoito séculos. (grifo do autor)*

O virtual como atualização do real na linguagem digital não deve necessariamente se tratar da mesma linguagem, mas da combinação de todas as modalidades de linguagens, sonora, visual e verbal, sendo esta última também atualizada pela palavra cinética. Existe um salto qualitativo de complexidade quando um trabalho hipertextual abandona o paradigma do livro, isto é, a estrutura linear. (Leão, 1999)

Assim sendo, só é possível interagir, no espaço digital, texto atomizado em sentenças ou lexias menores, em espaço de gravação que permite a interação entre as partes. Por isso, alguns textos narrativos e outros descritivos (estes últimos já em forma híbrida com a participação da linguagem visual), seja em função de seus roteiros, que podem subverter a linearidade, seja pelo objeto que representam, parecem encontrar no meio digital o espaço ideal de representação.

2.3 O DISCURSO ARGUMENTATIVO E O HIPERTEXTO

Tratando-se de linguagem verbal pura, Santaella (1983) chama a atenção para a legitimação consensual da linguagem verbal, e só dela, como forma de saber e conhecimento do mundo, a despeito de outras linguagens mais sensíveis. Na verdade, a partir do estatuto do simbólico, dentro da linguagem verbal, é possível construir o saber analítico, próprio das formas de conhecimento.

O *códex*, como espaço de inscrição e linguagem, desenvolveu uma estrutura textual de esquemas, regras e redes semânticas conhecida como representação do conhecimento. Em tal estrutura, a ligação hierárquica, própria dos livros de não-ficção, existe uma ligação que reproduz essa organicidade: a numeração e a intitulação progressiva dos capítulos, que leva a um efeito extremamente mnemônico, exatamente por demonstrar a subordinação dos vários capítulos dentro da unidade maior, que é o texto, ajudando justamente a depreender a macroestrutura. Talvez, essa seja uma maneira de explicar a linearidade da forma impressa não existente no hipertexto.

Textos extensos e ligados linearmente no hipertexto, como por exemplo os livros eletrônicos, que ainda possuem o paradigma do livro impresso, não funcionam muito bem no espaço digital, uma vez que a estrutura arborescente não vai permitir os saltos entre as lexias, até porque as lexias são dependentes entre si para dar o sentido global ao texto. Nesse caso, a Internet serve como transporte físico de textos, podendo "baixá-los" e imprimi-los à leitura, uma vez que ler textos profundos escondidos em páginas não visíveis, sem a visão do conjunto, é um tanto desagradável e cansativo à visão.

No hipertexto, para funcionar o princípio da interatividade, tem que haver um discurso, onde as lexias permitam ler o texto de qualquer ponto do sistema. A pergunta seria, como quebrar a linearidade de sentenças argumentativas, que por si só são conectivas umas às outras, e mesmo assim achar o sentido global do texto?

Infere-se então, que o caráter analítico próprio do texto dissertativo, por despender de muitas sentenças e muito dependentes umas das outras, conforme o esquema lógico de causa/efeito, premissa/conclusão, tese/evidencia, precisa do princípio da linearidade para plasmar-se. Ou seja, a convenção, a lei, o hábito, características da terceira categoria de Peirce (Santaella, 1996), e sobretudo o argumento, classificação do signo em relação ao interpretante (o efeito que produz na mente receptora da informação), apenas conseguido na linguagem verbal, parece não ser o discurso mais adequado ao espaço hipertextual.

Ao contrário dos discursos descritivo e narrativo, que em função do roteiro ou da flexibilidade entre as lexias, atualizam-se no meio digital, o discurso dissertativo argumentativo, em razão dessas mesmas características, parece não ter a mesma adaptabilidade.

Lévy vislumbrou no hipertexto uma forma de representação do conhecimento, que seria de fato uma atualização dos modelos já desenvolvidos à tecnologia impressa. (1998)

A isso, ele denominou de "ideografia dinâmica", que possui as seguintes características: meio de comunicação; tecnologia intelectual simbólica de auxílio ao raciocínio; instrumento de modelagem de dados e simulação para grande número de campos do saber; subsídio pedagógico, pois a " a ideografia dinâmica funcionaria muito bem como nova tecnologia intelectual pois, intrinsecamente relacionada à informática, se imbricaria diretamente com o sistema cognitivo de seus usuários." (Lévy, 1998, p. 53)

Verifica-se que o livro foi originalmente publicado em 1991, e na época não existia a *Web*, com todas as possibilidades de hibridização das linguagens. Talvez a nova escritura à representação do conhecimento esteja em curso, que segundo Lévy, seria o discurso narrativo (aí não teríamos, teoricamente, o problema dos argumentos conectivos, inerentes do discurso argumentativo, conforme apresentamos) e a linguagem visual, em função do poder de semelhança com o objeto representado pelo signo icônico.

Nossa relação com o saber e o conhecimento está tão ligada às suas formas de representação, que Chartier (1998) reconhece que, ler um artigo em um banco

de dados eletrônico, sem saber nada da revista na qual foi publicado, e ler o “mesmo” artigo na revista impressa não é a mesma experiência, pois “o sentido que o leitor constrói, no segundo caso, depende de elementos que não estão presentes no próprio artigo, mas que dependem do conjunto dos textos reunidos em um mesmo número e do projeto intelectual e editorial da revista ou do jornal.” (p. 128)

Seja como for, parece pertinente questionar se a linguagem pura, com estatuto do simbólico, que adquire características que lhes são próprias, a partir do momento que se intera com outras linguagens, onde outras manifestações sígnicas ocorrem conjuntamente, parece que a nossa compreensão tende a diminuir.

Quer dizer que as experiências cognitivas e perceptivas tendem a mudar quando novas linguagens são criadas, seja em função de novos meios de comunicação, ou pela hibridização de linguagens existentes, formando novas formas.

Nessa medida, acredita-se que a forma hipertextual, pela natureza e possibilidade como linguagem, irá determinar um novo tipo de representação do conhecimento no espaço digital, porque as formas organizam o espaço das funções cognitivas.

3 CONCLUSÃO

A hipermídia, que pode ser compreendida como a tecnologia que engloba recursos advindos de mídias diversas (multimídia) e hipertexto, se realiza como espaço de hibridização de todas as linguagens puras.

Assim sendo, consideramos o *site* um exemplo de forma eminentemente digital, incapaz de acontecer em outro meio, assim como o hipertexto. Entretanto o *site* é a manifestação de todas as outras linguagens.

O que existe atrás do *site?* Enquanto o homem não aprimora essa nova forma, a tendência é transpor tudo o que foi criado antes para o espaço digital, assim como muitos tentam fazer com a dimensão verbal na hipermídia, isto é, usando o paradigma do livro impresso em linguagem html.

Nesse sentido, McLuhan (1999) chama atenção para o fato que, no início de uma nova tecnologia, o homem tende a despejar tudo que havia antes produzido neste novo meio. Parece ser o caso dos primórdios da TV, que reproduziu todos os filmes clássicos, assim como o cinema o fizera com a literatura. Mas que por fim, estabelecem novos índices relacionais, não apenas entre os sentidos, mas entre eles próprios, criando novas formas.

Enquanto isso não acontece, estamos presenciando, neste exato momento, o transporte de mídias e linguagens tradicionais no ciberespaço: a fusão da AOL com a Time Warner.

Atrás do *site* (enquanto esse não se aprimora como nova forma) está se criando um enorme comércio para divulgar e transferir e sobretudo comercializar a indústria da informação e do entretenimento: discos, cinema, jornal, TV e até livros impressos.

Que lição podemos tirar de tudo isso? Estamos transformando a Internet numa imensa televisão? A dimensão textual do hipertexto vai se consolidar em qual tipo de expressão e discurso? Ou estamos mergulhando na sinestesia provocada pelos meios digitais que os antigos modelos de linguagens puras tendem a perder a referência na nova estrutura cognitiva?

Nessa medida, as linguagens híbridas e cinéticas pré-computadores fazem uma transposição suave dos antigos suportes e/ou meios para o computador. Mas a

linguagem verbal escrita, em sua manifestação mais genuína de representação do conhecimento, quer seja o discurso dissertativo argumentativo, ainda não criou uma forma própria digital, conforme abordado, mas acreditamos que uma nova escritura hipertextual de representação do conhecimento possa estar em via de se concretizar.

São temas desafiantes, e não temos todas as respostas, pois a época é de coexistência e transição. Mas o desenvolvimento de qualquer assunto que envolva a linguagem nos mostra o quão complexa ela se apresenta, e a compreensão de novos paradigmas, que no nosso caso a Semiótica peirceana, parece nos guiar pelo caminho do desvelamento da complexidade e dos mistérios das linguagem.

É certo que a forma do ciberespaço seja, até o momento, indeterminada, embora já se possa entender sua ecologia cognitiva: a pluralidade do sentido, e é nessa direção que se encaminhará a nossa tese.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AQUINO, Tomás, Santo *apud* RYAN, Edmund Joseph. ***Role of sensus Communis in the Psychology of St. Thomas Aquinas***. Cartagena (Ohio) : Mesenger Press, 1951.

BAIRON, Sérgio. ***A história palinódica:*** a evidência da não-linearidade a caminho da compreensão do hipertexto. São Paulo, [1998]. Apostila (Disciplina de doutorado ministrada no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

BUCZINSKA-GAREWICZ, Hanna. *Apud* Santaella, Lúcia. ***A assinatura das coisas:*** Peirce e a literatura. Rio de Janeiro : Imago, 1992.

CHARTIER, Roger. ***A ordem dos livros.*** Brasília : Ed. UnB, 1994.

_____. ***A aventura do livro do leitor ao navegador:*** conversações com Jean Lebrun. São Paulo : UNESP, 1998.

DIJK, Teun van. ***Cognição, discurso e interação.*** São Paulo : Contexto, 1992.

KLEIMAN, Angela. ***Texto, leitor:*** aspectos cognitivos da leitura. 2. ed. Campinas : Pontes, 1989.

LANDOW, George. ***Hypertext:*** the convergence of contemporary critical theory and technology. Baltimore : John Hopkins University Press, 1992.

LE COADIC, Yves-François. ***A Ciência da Informação.*** Brasília : Briquet, de Lemos, 1996.

LEÃO, Lúcia. ***O labirinto da hipermídia:*** arquitetura e navegação no ciberespaço. São Paulo : Iluminuras : Fapesp, 1999.

_____. Apontamentos a respeito da Arquitetura da hipermídia: poéticas da navegação e poéticas da construção. In: JORNADA DO CENTRO DE ESTUDOS PEIRCEANOS, 1., 30 out. 1997, São Paulo **.** ***[Anais...]*** São Paulo : PUCSP, [1997]. P. 27-33.

LÉVY, Pierre. ***As tecnologias da inteligência:*** o futuro do pensamento na Era da Informática. Rio de Janeiro : Ed. 34, 1996.

_____. ***A ideografia dinâmica:*** rumo a uma imaginação artificial? São Paulo : Loyola, 1998.

McLUHAN, Marshall. ***A galáxia de Gutenberg:*** a formação do homem tipográfico. São Paulo : Ed. Nacional : EDUSP, 1972.

_____. ***Os meios de comunicação como extensões do homem:*** (understanding media). reimp. São Paulo : Cultrix, 1999.

PALACIOS, Marcos. ***Hipertexto, fechamento e o uso do conceito de não-linearidade discursiva***. Disponível na Internet WWW.facom.ufba.br/compos

SANTAELLA, Lúcia. ***A assinatura das coisas:*** Peirce e a literatura. Rio de Janeiro : Imago, 1992.

_____. ***Produção de linguagem e ideologia.*** São Paulo : Cortez, 1996.

_____. ***O que é Semiótica.*** São Paulo : Brasiliense, 1983.

_____. ***As três matrizes do pensamento e linguagem***: sonora, visual e verbal. São Paulo, 1999. Comunicação verbal oral (Disciplina de Doutorado ministrada no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Será, em breve, publicado sob a forma de livro.

SPRENGER-CHAROLLES *apud* MARQUESI, Sueli Cristina. ***A organização do texto descritivo em língua portuguesa.*** Petrópolis : Vozes, 1996.